





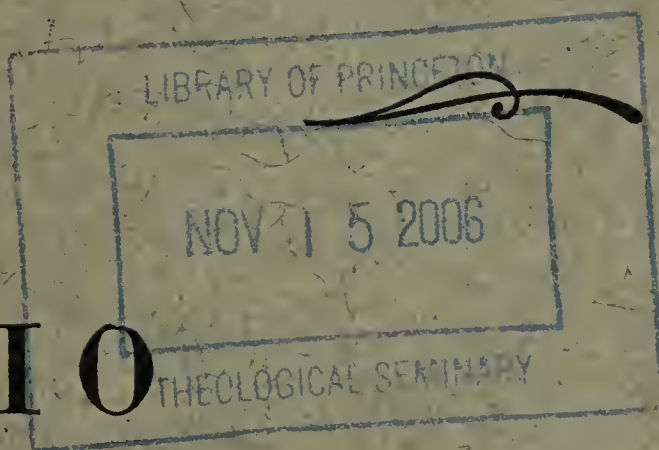


LAP

# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :  
CAIRBAR SCHUTEL

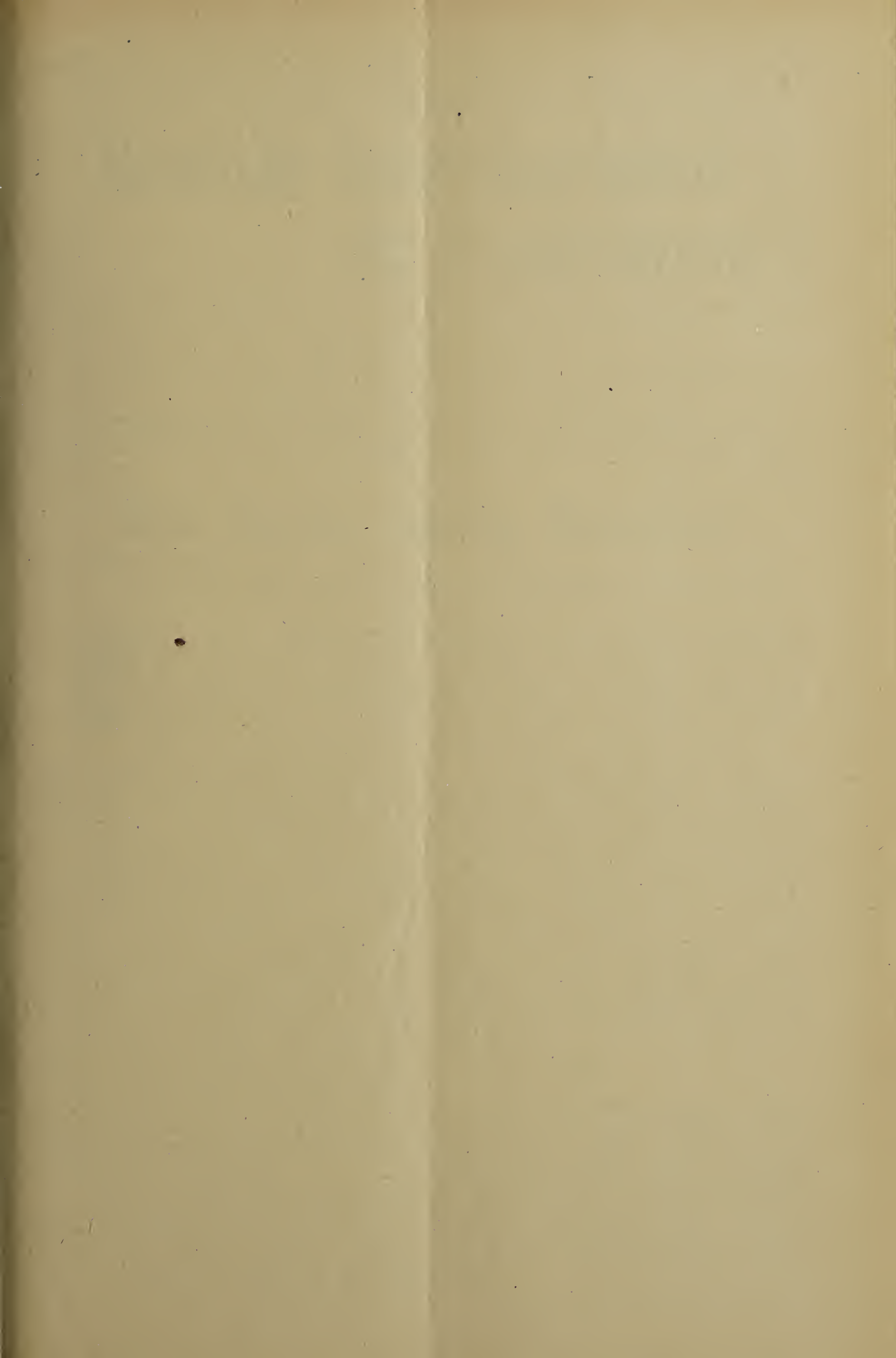


## SUMÁRIO

Uma Sessão Espírita Memorável . . . . .	<i>Redação</i>
A Obra de Geley . . . . .	<i>Ismael Gomes Braga</i>
O Maior Ciclo Histórico . . . . .	<i>Arnaldo S. Thiago</i>
Dois Livros de Leopoldo Machado	<i>Luiz Dantas</i>
Fenômenos de Materialização . . . . .	<i>Amadeu Santos</i>
Solidariedade . . . . .	<i>Fernando Pereira de Moraes</i>
Argentina Espírita . . . . .	<i>Mariano Rango D'Aragona</i>
Duas Fôrças em Choque . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
A Verdade Profética . . . . .	<i>J. B. Chagas</i>
O Jogo das Hipóteses . . . . .	<i>H. Magalhães</i>
Livros e Autores . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
Crônica Estrangeira . . . . .	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil . . . . .	<i>Redação</i>











# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✎ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

## Uma Sessão Espírita Memorável

*Materialização de um espírito que se apresenta em plena sessão, com um corpo humano e fala aos assistentes, em Petrópolis.*



OMO é do conhecimento dos nossos prezados leitores, o principal objetivo de «Revista Internacional do Espiritismo» é o estudo dos fenômenos espíritas e a sua divulgação, afim de que as criaturas fiquem plenamente convencidas da existência do espírito e sua sobrevivência após o transe a que denominamos *morte*.

Entretanto, esta Revista, antes de publicar relatos de materialização de espíritos, tem o cuidado de analisá-los minuciosamente, preferindo recusar noventa e nove verdades para não aceitar uma mistificação. Temos recebido muitos trabalhos relacionados com a materialização de espíritos, que não publicamos por deixarem muito a desejar. Mas não podemos deixar de publicar os que merecem a nossa aprovação, não só pela maneira por que se produzem os fenômenos como pela confiança que depositamos nos confrades que os assistem e nô-los relatam.

Estamos publicando, ha meses, uma série de interessantes fenômenos de materialização de espíritos, produzidos no Centro Espírita «André Luiz», da Capital Federal. Alguns dos relatos de referidos fenômenos são

publicados com clichés comprovativos. Quem nos envia os relatos é o nosso distinto amigo e representante nessa Capital, sr. Amadeu Santos, que tem o louvável propósito de enfeixá-los num livro, como precioso documento da Imortalidade da Alma.

Acabamos de receber também, do nosso distinto e velho colaborador, sr. Spártaco Banal, residente em Petrópolis, Estado do Rio, o relato de uma sessão espírita, subordinado ao título e sub-título acima, relato que não deixa a menor dúvida quanto à veracidade do fenômeno, o que os nossos leitores hão de verificar pela leitura do mesmo. Publicando-o, cumprimos o nosso dever de levar ao conhecimento dos nossos leitores os factos que se verificam no campo do psiquismo.

Eis o relato :

«Por intermédio de alguns confrades nossos, de Niterói, um pugilo de cristãos espíritas e católicos, teve a oportunidade de *vêr, tatear e falar* a um espírito materializado, na noite de 11 de Outubro do ano passado, à Avenida 15 de Novembro n.º 828, residência do fotógrafo snr. Lucarelli, onde se realizou a notável sessão.

Depois de reunidas na sala do refe-



rido prédio, tomaram assento 23 pessoas, tendo sido convidados para amarrar o «*médium*» o nosso confrade José Varanda e o abaixo assinado.

Na presença da assistência foi o «*médium*» amarrado numa cadeira com uma correia e manietado por meio de um aparelho de ferro, seguro a cadeado, cuja chave ficou em poder do nosso confrade General Wolgrand (do exercito brasileiro) até a finalização dos maravilhosos fenômenos espíritas.

Antes, porém, de dar início aos trabalhos mediúnicos, o nosso querido companheiro Manoel Bragança dos Santos fez uma fervorosa prece a Jesus, solicitando-lhe a sua valiosa assistência, firmando-se, a seguir, um ambiente de fraternal e intensa alegria.

Após alguns segundos de silêncio, produziram-se fortes estalidos, indicando a presença do espírito em ação. Vinham, os sinais produzidos pela entidade, de um cômodo contíguo ao da sessão, onde permanecia o «*médium*» Mauricio, atado à cadeira e já ressonando em sono profundo. Como a sala dos trabalhos oferecia pouco espaço para a realização dos fenômenos, tivemos de aproveitar todos os cantinhos, afim de que ninguém ficasse desacomodado.

Por isso que, a muito custo, conseguiu-se deixar uma estreita abertura entre duas cadeiras, por onde o espírito de Otavio pudesse entrar e sair, sem impedimento.

Finalmente, obtivemos a graça concedida pela bondade Divina, com a presença do espírito, em plena sessão. Êle materializa-se, isto é, desagrega parte da matéria do corpo do «*médium*» e utiliza-se dela para a sua aparição.

Assim, um corpo humano concretizado surge perante a assistência, cuja tangibilidade foi constatada por todos, não deixando a menor dúvida sobre o extraordinário acontecimento, que nos deixou, a todos, emocionados de alegria. Como não lhe fôra possível desagregar matéria suficiente para compôr os órgãos da voz, em virtude ainda, do pouco desenvolvimento mediúnico, o espírito pronunciava as palavras que tinham um tom sibilante, mas compreensíveis.

Ao dirigir-se à assistência, vendo que não conseguia entrar de frente, por insuficiência de espaço, na entrada, abre os braços, volta-se e entra de lado, colo-

cando suas mãos sobre a cabeça do nosso confrade Bragança. Aproveitei o momento para examiná-lo dos pés à cabeça; porém, quando cheguei à altura do seu rosto, vi que tinha um nariz afilado, faces arredondadas e que me fitava sorrindo, talvez achando curiosa a minha observação. Em seguimento, põe as suas mãos sobre a minha cabeça, e senti fortemente o contacto de seus dedos, que não acusavam temperatura. Êste facto se reproduziu por três vezes, repetindo-se, igualmente, com os demais assistentes.

Durante uma hora e três quartos, manteve aprazível palestra, ora respondendo às nossas interrogações, ora nos dando ótimos esclarecimentos sobre pontos vários de nossa doutrina.

Pelo general Wolgrand foi feita a seguinte pergunta:

— «O irmão Otavio póde dizer alguma coisa, sobre as curas do Padre Antonio?»

No mesmo instante, o espírito respondeu:

«O Padre Antonio é assistido por um espírito muito luminoso».

Outras referências foram feitas que se prendiam às virtudes do extraordinário *Médium Curador*.

Um cartão de visitas, que o general lhe entregára, foi levado pelo espírito junto ao *médium*, e todos ouvimos os ruídos que êle produzia ao tocá-lo. Em se dirigindo para o outro cômodo, de cartão na mão, uma sombra de fôrma humana foi observada passando através da cortina, sem lhe deixar nenhum movimento. Só no fim da sessão, o cartão foi retirado de cima das pernas do *médium* e devolvido ao general.

Uma senhorita, Nadir Soares, foi surpreendida, quando sentiu que o espírito lhe tirava os óculos, levando-os para o alto e dizer:

«Deixa vêr se êles me servem». Poucos instantes depois, os óculos eram repostos, sem intervenção humana. Examinados pelo general, foram constatados os sinais digitais.

O mesmo caso repetiu-se com outra senhora.

Inesperadamente, dirige-se para junto de uma vitrola, abre a caixa dos discos e, dentro em pouco, todos ouviram o movimento do disco reproduzindo músicas escolhidas. Por três vezes fez a mudança dos discos, ouvindo-se, também, o



movimento da manícula, quando o espírito reforçava a corda.

Um menino de pouco menos de 8 anos de idade, filho do snr. Armando Vilar, ex-funcionário da 1.<sup>a</sup> Coletoria Federal de Petrópolis, havia-se colocado sobre uma pia, devido à falta de lugar nas cadeiras da sala dos trabalhos, quando, inesperadamente, Otavio manifesta desejo de andar com a creança pela sala. O menino foi tirado de cima da pia e entregue ao espírito materializado, que o levou pela mão, dando uma volta pela sala, deixando-nos profundamente maravilhados!

Facto semelhante, jamais foi presenciado nesta cidade.

Obteve-se, ainda, a levitação de um crucifixo, que a entidade, tirando-o de dentro de uma caixa, o sustentára no espaço, durante uns cinco minutos, volteando-o em todas as direções da sala, projetando um brilho luminoso que deliciou toda a assistência. Em seus movimentos, via-se distintamente a agitação dos dedos da mão que sustinha, no ar, o crucifixo sem nenhum ponto de apôio, cujo peso era nada menos de 500 gramas.

Inesperadamente, o espírito solicita licença, e diz: «*Um instante: O Mauricio está mal acomodado*». Com a rapidez de um relâmpago, aproxima-se do médium, que se encontrava com o corpo pendente para um lado, e coloca-lhe a cabeça na devida posição. Ouvimos distintamente, quando Otavio levou a cabeça do médium para junto da cadeira, deixando, neste instante, de ressonar.

O general Wolgrand fez ainda, as seguintes perguntas: (O irmão Otavio pode nos informar se é verdadeira a narrativa do livro — «*Nosso Lar*»?)

A entidade respondeu: «Sim, são organizações do espaço».

Havia na sala, várias flores, e o nosso confrade Wolgrand interroga mais uma vez: «O irmão poderia, se quisesse, transportar essas flores até a minha casa?»

Respondeu o espírito: «Hoje não, mas outro dia sim. Agora é um pouco tarde».

Ficou prometido para outra sessão. Durante os trabalhos, o espírito repetiu num tom de graça: «*O'timo! ótimo!*» isto sempre que o assunto permitisse.

Antes de encerrar os trabalhos, Otavio solicita os lenços de todos os presentes e, recolhendo-os um de cada vez, derrama-lhes delicioso perfume, que nos deixou durante a sessão, uma sensação agradabilíssima, ficando a sala saturada da inegalável fragrância que o manifestante preparara no laboratório químico do além túmulo.

Dois dos assistentes não estavam prevenidos de lenços, então, Otavio, dirige-se para o snr. Armando Vilar, pede-lhe o lenço e, ao mesmo tempo, licença para rasgá-lo em três pedaços. Assim dividido, satisfaz a todos, entregando-os já perfumados, ficando a parte maior com o snr. Vilar.

No momento em que o espírito (1) estava se despedindo da assistência, lembrei-me de mandar pedir ao nosso velho e saudoso companheiro de crença, Léo Quadrio, se possível, comunicar-se conosco. Atendido que foi o nosso pedido, após três dias, Léo Quadrio nos respondia através da *psicografia*, cuja comunicação acha-se em poder do nosso confrade e amigo, o farmacêutico Wilson Veiga, de Cascatinha.

Assim, falar com os «mortos», diz Frederico Duarte, é tão natural como fazê-lo com os vivos.

Finalizando, dizemos com William Crookes:

— «Eu não disse que era possível, disse que era real».

Diante desses factos, só vive enganado quem quer.

Spártaco Banal.

Itamaratí — Petrópolis.

(1) Segundo informação do próprio espírito, a sua desencarnação se realizou no Estado de São Paulo, onde exercia profissão pública.

---

*A ambição desmedida pelas cousas materiais produz frutos amargos. O verdadeiro cristão tem as suas vistas voltadas para os bens espirituais, que sempre produzem frutos sazonados. «Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado por acrescimo», disse Jesus. Que este preceito vos sirva de orientação, afim de que as cousas mundanas não vos iludam. — CAIRBAR.*



# A OBRA DE GELEY



Ismael G. Braga

— X —

Geley compara muitas vezes a formação de um organismo normal com um fenômeno de materialização e encontra muitas analogias. Leiamos :

«A formação embrionária do organismo, em seu conjunto, aparece como uma «materialização» regular e normal, enquanto a materialização metapsíquica não é mais do que uma formação ideoplástica irregular e anormal.

«A edificação do organismo, por outra parte, pôde fazer-se normalmente e fóra das condições habituais que presidem à geração dos seres mais evolucionados. Na partogênese, na reprodução por enxerto, a agrupação das mônadas orgânicas e dinâmicas obtém-se sem a conjunção de um espermatozoide e de um óvulo. Estes fatos, na aparência desconcertantes, podem compreender-se facilmente com as novas noções.

«Provam simplesmente que o acondicionamento corporal e dinâmico do agrupamento individual, não reside exclusivamente na fecundação».

Numa nota ao pé da página acrescenta :

«Há singular analogia, que rogamos nos permitam notar de passagem, entre as reproduções por enxerto, e sobretudo por broto, e as materializações metapsíquicas. A materialização se produz frequentemente, nós o temos visto, por uma espécie de broto ou prolongação na substância única do médium. O broto se desdobra em um Sêr ou em um fragmento de Sêr.

«A diferença está na duração; mas isso não é mais do que questão de modalidade e de tempo. Nada autoriza a dizer que não se chegará a separar a materialização do médium, como o broto ou o enxerto do tronco original, e a dar-lhe uma existência autônoma. Insensatez ! dirão. Insensato seria aquêle que, conhecendo o que conhecemos, afirmasse a impossibilidade do fato».

Esse fenômeno é conhecido em

Espiritismo e foi classificado por Allan Kardec com o nome de «Agênere». O termo entrou para a linguagem comum. O Dicionário de Laudelino Freire o define assim : «Agênere. *Espiritismo*. Aparição tangível, em que o espírito assume a forma de pessoas vivas».

No estudo publicado por Allan Kardec, em «Revue Spirite» de Fevereiro de 1859, pags. 36 a 41, vem um diálogo entre Allan Kardec e o Espírito de São Luiz, no qual o Espírito confirma a existência de Agêneres e diz que essas materializações são raras e tanto podem ser de Espíritos superiores como de inferiores e que há na Biblia exemplos da existência de Agêneres.

Concordamos, pois, com Geley que insensato seria quem negasse a possibilidade do fato.

Tatando das limitações da encarnação, Geley diz :

«Tudo ocorre como se cada existência terrestre, cada objetivação orgânica, ou, se se preferir, cada «encarnação», fosse, para a atividade do Sêr, uma limitação no espaço e nos meios. Seria como que uma sujeição a uma tarefa estreita e especializada, a um esforço quasi que exclusivamente em uma só direção».

E, pouco adiante, continua :

«Esta limitação é a causa da impotência das faculdades supranormais e das dificuldades da inspiração superior, intuitiva, criadora ou genial, e do esquecimento, por parte do Sêr, durante a vida orgânica, da imensa maioria das experiências adquiridas quanto a recordações; é a causa, enfim, de sua situação real.

«De fato, o órgão cerebral é indispensável para o funcionamento psicológico em suas relações com o mundo exterior, e êste órgão não é capaz senão de uma atividade restrita e de uma capacidade também restrita de retenção e de memória. A' proporção que se apagam do cérebro as impressões passageiras recebidas,



a memória dessas impressões tende a desaparecer da consciência normal.

«Isso é muito claro no curso de uma só existência e com maior razão de uma existência a outra. O cérebro novamente adquirido não pode vibrar harmônicamente com as impressões passadas e com as presentes. Na vida normal, salvo raras exceções, as vibrações passadas não chegam ao umbral da consciência.

«Os esquecimentos, porém, são apenas aparentes, pois que as recordações ficam íntegras na memória essencial do Sêr. Seu resultado, nas fases inferiores da evolução, é vantajoso: o olvido necessita de experiências múltiplas e em condições sempre novas.

«Por outro lado, impede o Sêr de ficar coibido ou desviado da sua rota. Do mesmo modo que a morte, o esquecimento é um fator que favorece a evolução.

«Por outra parte, não dispôr habitualmente das faculdades próprias do inconsciente: instinto, intuição ou faculdades supranormais, impõe o esforço reflexivo constante que também favorece a evolução».

Como se vê, tudo é perfeito na criação e revela a Inteligência Suprema que tudo predispôs com infinita sabedoria. Tudo tem sua finalidade superior.

## — O Maior Ciclo Histórico —

### Início de uma nova era de paz universal



EM grande destaque, apenas com a importância vulgar de um telegrama do exterior, publicaram os matutinos de hoje a seguinte notícia: «LAKE SUCCESS, 20 (R.) — O Conde Folke Bernadotte

foi nomeado mediador das Nações Unidas na Palestina numa reunião dos representantes dos membros permanentes do Conselho de Segurança que durou apenas sete minutos.

A escolha do presidente da Cruz Vermelha Sueca foi feita por unanimidade.

O outro único candidato, Paul van Zeeland, ex-primeiro ministro da Bélgica, não respondeu se aceitava a nomeação.

O Conde Bernadotte e o Secretário Geral da ONU, Trigve Lie, decidirão se o mediador deve partir diretamente para a Palestina ou vir antes a Lake Success.

O ordenado de Bernadotte será de 26.000 dólares por ano, não incluindo as despesas.

A função do mediador, tal como foi determinada pela Assembléia Geral das Nações Unidas, consistirá em procurar um entendimento entre árabes e judeus e exer-

cer quaisquer funções administrativas que lhe forem confiadas por consenso das duas partes».

O telegrama que aí está, em sua aparente simplicidade, como qualquer notícia vulgar que nos vem do estrangeiro, tem a expressão formidável de um acontecimento histórico invulgaríssimo, que marca o início de uma nova e grandiosa era para a Humanidade.

O seu contexto serve tanto às belas aspirações filosóficas dos homens de responsabilidade, tementes a Deus, que se interessam pelas cousas sérias da vida, como aos desejos primários das almas infantís, para quem a existência terrena é uma corrida desenfreada atrás de futilidades materiais. Há nesse telegrama, como em todas as cousas importantes do mundo, espírito e matéria.

Procuremos analisá-lo perfuntoamente, para fazermos a distinção necessária.

A nomeação do Conde Bernadotte para mediador das Nações Unidas na Palestina, significa formalmente que a nova Liga das Nações é uma realidade objetiva e prática. O mundo pôde agora dizer: «Temos homem ao leme». Quem êsse ho-



mem? Truman, falando forte, sob a égide da bomba atômica?... Stalin, o novo imperador de todas as Rússias, ameaçando céus e terra com as suas experimentadas hostes de milhões de homens acostumados à férrea obediência do Tzarisismo?...

Quem êsse grande homem que surge no proscênio da História, como o Anjo Tutelar à porta do Paraíso, armado de espada flamejante, naquêlê momento lendário em que o primeiro casal humano fôra expulso do Eden?...

Não o procuremos entre os míseros escravos da carne, que fazem parte da sofredora, conquanto sorridente por vezes, servilíssima grei humana.

Quem assim de novo comanda os Exércitos, o mesmo Deus que arma o braço do povo de Israel para libertá-lo dos seus inimigos, é aquela Divina Potestade, que, em se fazendo compreender pelos homens segundo o nível da mentalidade de cada um dos seus filhos: ora apresentando-se, portanto, como Deus Potente dos Exércitos, ora como o simples e manso Cordeiro que dá a própria vida por aqueles que o Pai lhe confiou; personificado em uma das três pessoas misteriosas da Santíssima Trindade, segundo a concepção mística da Igreja; ou impersonalizado, conforme o alcance maior da mente Einstaniana, plasmada no exame positivo e na fria análise dos fatos — governa, orienta, dirige, redime, e sempre, e eternamente, reconduz ao Paraíso perdido o filho pródigo, extraviado nos ínvios caminhos da perdição.

«Deus escreve direito por linhas tortas». Da aparente confusão babélica da hora presente; dos antagonismos nacionais que trazem em constante sobressalto a pobre e sofredora humanidade; do meio dêste enfurecido mar, sempre revólto, dos tremendos egoísmos e dos mais baixos sentimentos, jamais externados pelas gentes, de todas as Nações, com tanto despudor e acrimônia; quando a mentalidade materialista do século, já nos acenava com o desmantelamento completo da civilização, eis que se ergue a mão de Deus, para dizer, com um gesto decisivo, porque de natureza divina: BASTA!!

Tudo é possível à Magestade Divina!!

Pequeninas, ínfimas as *grandes* causas da Terra, para Aquêlê que comanda

as Legiões Celestes. Como que, nêste passo do nosso raciocínio, escutam os a voz eloquente do poeta:

«...Comburentes, flamívomas bombardas;  
Ígnea selva de canos de espingardas...  
Tudo isto ecoa-lhe aos ouvidos  
Como o ruflar das azas de um inseto!»

Falemos, porém, a linguagem dos homens, para sermos entendidos pelos homens, pois que não é para os deuses que escrevemos.

Quem, medianamente versado na História contemporânea, cujos capítulos nós mesmos escrevemos e simultaneamente estudamos, não deduzirá imediatamente, da nomeação do Conde Bernardotte para mediador das Nações Unidas na Palestina, que o príncipe sueco empunha, de fato, um verdadeiro cetro, está armado de uma autoridade maior, muito maior do que qualquer dos chefes de Estado modernos, pois que lhe vem êsse poder de uma outorga superior, de caráter universal, exprimindo-se não mais pela força das armas, como o poder conquistado por Alexandre, César ou Napoleão, mas pela força incoercível do Direito, por uma potencialidade jurídica verdadeiramente soberana, que terá agora de fazer-se respeitada, custe o que custar, seja mesmo necessário dizimar os povos islâmicos com os devastadores bombardeios atômicos?!

A análise fria dos acontecimentos internacionais leva-nos a essa conclusão magnífica. Os Estados Unidos, a Rússia, desunidos embora, imediatamente reconheceram a recém organizada entidade de Direito Internacional: a nova Nação de Israel. Ou muito nos enganamos e teremos de curvar humildemente a cerviz, para confessarmos-nos ingênuos observadores internacionais, desprovidos de bom senso, ou então a existência do novo Estado de Israel está formalmente garantida e o mundo islâmico terá de, religiosamente, respeitar-lhe as lindes que serão traçadas pela autoridade indiscutível dos povos cristãos civilizados.

As Nações Unidas, vê-se bem agora, têm estrutura diferente da Antiga Liga das Nações. As sanções econômicas, que não impediram à Italia de praticar o horripilante crime da Abissínia, em cujo bôjo talvez estivessem, em grande parte; as



calamidades desencadeadas sôbre a Terra (Lembrem-se os homens que não há, perante Deus, pequenas injustiças), substituem-se agora as sanções efetivas de uma AUTORIDADE de Direito e de fato.

Os membros da ONU — deduz-se logicamente da evidência dos fatos — podem deblaterar platonicamente sôbre questões de natureza aleatória, problemas nacionais de ordem secundária, oriundos da própria imperfeição humana, assentes nos pequenos egoísmos regionais, nos exageros do velho egocentrismo de todo o homem carnal, decorrente do orgulho, preconceituoso e destituído de razão filosófica; no que concerne, porém, aos grandes delineamentos da História, à execução do Plano Divino, de que a nova organização mundial é simples executora, as suas deliberações serão sempre formais e taxativas, *tomadas em sete minutos*.

Concluindo: a consciência universal espera que o Conde Bernardotte mantenha a Nação de Israel, quer seja pelo Direito Soberano, decorrente da própria investidura recebida das Nações Unidas, inteligentemente reconhecido pelos povos arabes; quer seja pelo emprêgo da fôrça, que certamente será posta ao seu dispôr, se a cegueira daqueles povos fôr ao ponto de fazê-los desconhecer que atrás das Nações Unidas se acha, entre outros, um grande povo, dotado de um grande poder de fato, como os Estados Unidos da América do Norte.

Nós assistiríamos, sim, ao fracasso da Civilização, se os Estados Unidos recusassem agora, a esta altura, do cumpri-

mento do seu dever, na outorga sublime que lhes foi feita por Deus de «guardiões dessa mesma Civilização». Haja o que houver, o interêsse supremo da Liberdade dos povos, da lídima Democracia das Nações soberanas, impõe ao máximo garante da ONU, êsse dever de agir no sentido da manutenção da soberania do novo Estado que surge, depois de vinte séculos de sofrimento da Nação Hebraica, a disputar o seu lugar ao Sol.

\* \* \*

O mais que se contém no aludido telegrama é banalidade que ali simplesmente aparece, para satisfazer ao paladar dos últimos abencerragens da futilidade e das pequeninas cousas imediatistas da vida: «O ordenado de Bernardotte será de 26.000 dólares, fóra as despesas...»

«De mínima non curat pretor...»

Esta parte material, contudo, é o estigma da nossa personalidade terrícola: sem ela não podemos viver. Urge tratá-la, mesmo quando se tem em consideração os grandes acontecimentos da História.

Mas a grandeza do evento está na sua parte espiritual, nas esperanças com que, desde agora, nos acena o futuro.

«O espírito é que vivifica, a carne para nada aproveita», sabiamente advertiu-nos Jesus, o divino executor da Vontade de Deus no plano da Terra.

Arnaldo S. Thiago.

Sebastianópolis, 21 de Maio de 1948.

## Dois Livros de Leopoldo Machado

Um dos primeiros volumes de literatura espírita que lêmos foi «Consciências», de Leopoldo Machado.

Embora mal enfronhado no espírito da Doutrina, os contos enfeixados naquêle livro impressionaram-nos fortemente, arrastando-nos à leitura de outras obras doutrinárias. Daí para cá, lêmos vários livros do dinâmico escritor espírita. Nenhum, porém, conservou-se mais vivo na nossa lembrança do que «Consciências». Ali

estava, de fato, um autêntico contista, dono de um estilo leve e fluente, moldável a tão difícil gênero de literatura, que é, sem dúvida, o conto, e principalmente o conto espírita, que, a par do interêsse emotivo do enredo, deve ser entremeado de ensinamentos que conduzam o leitor, suavemente, ao conhecimento dos postulados doutrinários.

É Leopoldo Machado superou galhardamente êsses óbices, sem fu-



gir ao gênero de literatura em que se ensaiava e sem traír ou relegar a plano secundário os ensinamentos magníficos que formam a estrutura da Doutrina.

Dai o nosso vivo interesse quando nos veio às mãos o novo volume de contos do autor de «Consciências». «Para o Alto» é o título do livro que acabamos de lêr, de uma assentada, deliciando-nos com os enredos de suas histórias, todas elas calcadas dentro dos princípios fundamentais da Doutrina. A maioria dos contos que integram o «Para o Alto» são peças de densa substância pedagógica, interessando sobretudo a mestres ou mentores de juventudes espíritas e às jovens inteligências que se iniciam no conhecimento da 3.<sup>a</sup> Revelação.

A par dos contos de fundo educacional, que são verdadeiras lições de moral cristã, lá estão as páginas de empolgante emoção dramática, arrancadas da vida, comovendo-nos fortemente. «Tragédias da Vida», «Quase uma página de Pöe...» «Criminoso», «Quase um Romance» e vários outros, são contos que agradam a qualquer leitor, leigo ou adepto da Doutrina.

\* \* \*

Esse gênero de propaganda espírita é de grande proveito aos que se iniciam no conhecimento da Doutrina, daqueles que, por falta de tempo ou vontade não se dispõem à leitura meditativa das obras basilares da Nova Revelação. Lê-se um conto com mais facilidade e menos esforço de raciocínio do que um ensaio filosófico ou um estudo doutrinário.

Principalmente para os moços, para os que se deleitam com a leitura de romances e novelas. Distraír educando é a finalidade do novo livro de Leopoldo Machado, sem nos referirmos à sua finalidade precípua, que é o valor comercial do livro revertido em benefício de uma instituição de caridade altamente cristã, que é o *Lar de Jesus*. «Para o Alto», uma magnífica edição da Livraria Allan Kardec Editora, envolto numa bela capa e impresso em ótimo papel, é livro que se lê interessadamente até à derradeira página e, do qual guar-

damos gratas recordações, pelas belezas que êle nos oferece e pelos grandes ensinamentos que de suas páginas ressumbram.

\* \* \*

Um opúsculo reunindo algumas crônicas do autor de *Para o Alto*. «Observações e Sugestões». Pequeno livro contendo grandes idéias.

Idéias que consubstanciam os postulados primordiais da Doutrina, no que se refere ao novo movimento, aliás vitorioso em todo o país, que o autor muito bem denominou de *Espiritismo de Vivos*. Precisamos, de facto, olhar mais de perto os problemas humanos, procurando resolvê-los ou minorá-los, dentro dos sublimes princípios que norteiam a Terceira Revelação. Essa atitude dos espíritas que propugnam por um Espiritismo que encarne de frente as questões do homem, não implica no abandono às leis divinas, ao sentido subjetivo e espiritual da Doutrina.

Cabe, sem dúvida, aos espíritas, um papel dos mais preponderantes na transformação do panorama triste da Terra. Não compreendemos um Espiritismo fechado em gabinetes, um Espiritismo apenas de estudos e experiências psíquicas e muito menos o que se espraia por aí afóra, numa caudal de mensagens mediúnicas muitas vezes de duvidosa autenticidade. Os espíritas não podem ou não devem se alheiar das questões que afetam o homem e, conseqüentemente, dos movimentos sociais que visam o aprimoramento e o progresso do planeta que habitamos, atualmente.

Leopoldo Machado, inteligência arguta e trabalhador incansável nas hostes doutrinárias, vem abrindo, ultimamente, novas clareiras no campo da seára espírita.

«Observações e Sugestões» é um opúsculo que merece ser lido por todos os espíritas, porque os assuntos que nêle entram em debate são de interesse vital para a Doutrina.

\* \* \*

Os dois volumes de Leopoldo Machado são livros em função da ar-



te a da doutrina e, — convem frizar, — da caridade.

Da caridade, sim, porque são êles publicados em benefício do *Lar de Jesus*. Vamos, pois, lêr os seus livros, não só como deleite para o nosso espírito, como, também, porque, adquirindo-os, estaremos con-

correndo para minorar uma das mais angustiosas questões sociais do nosso país — a da criança e velhice desamparadas.

LUIZ DANTAS

Santo Amaro — Bahia.

## ☉ Fenômenos de Materialização ☉

XVII

Decorridos foram mais de três longos e penosos meses, depois da última sessão de efeitos físicos, no Grupo «André Luiz». Os chamados trabalhos de cabine haviam sido suspensos, por determinação dos espíritos superiores, em virtude de malentendidos na vida interna do *GEAL*, por ocasião da eleição da sua 1.<sup>a</sup> diretoria definitiva. Desfeitos os equívocos, derimidas as dúvidas e feitos os necessários reajustamentos, a concordia, a harmonia e a fraternidade foram restauradas e, com o império dessas virtudes, se registrou o restabelecimento dos singulares trabalhos mediúnicos, o que se verificou, já, nas recentes reuniões dos dias 27 de Setembro e 4 e 11 do corrente. Na penúltima sessão, aliás, verificaram-se, apenas, fenômenos de voz direta, dado que o médium principal, Lins, achava-se ausente. As duas últimas reuniões fizeram-me lembrar os áureos tempos em que os nossos trabalhos mediúnicos se faziam distinguir pelos importantes fenômenos que aqui tenho registrado, não obstante não tivessem sido ainda, muito agraciadas com transcendentis fenômenos de materialização notáveis e numerosos. Embora ocupe, na atual administração do *GEAL*, o último lugar na escala dos cargos, — o de membro do Conselho Fiscal — coube-me a direção dos trabalhos das duas primeiras reuniões. Iniciei a primeira solicitando à assistência cantasse o hino «Obreiros de Jesus» para preparo do ambiente e, depois, de proferir uma prece, declarei aberta a sessão, em nome de Jesus. Passo a fazer a leitura de um dos capítulos do livro «Mensageiros». Lição magnífica, a calhar com a necessidade do momento, num oportunismo incrível. Terminada a leitura, passou-se à observância de profunda meditação, por alguns minutos, afim de

ser atraída uma das entidades espirituais que nos orientam e instruem. Um dos médiuns cáí em transe, sendo então ouvida a voz oracular de um Mensageiro do Alto, que não declarou o nome, mas identificado pela vidência de mais de um médium, como sendo o queridíssimo espírito de Abel Gomes. Sua palavra era firme, concisa e esclarecedora. Depois de tecer oportunos comentários evangélicos, passa a orientar-nos sôbre o andamento dos trabalhos, dando-nos a agradável nova, confirmando, aliás, uma orientação anterior, de André Luiz, através de outro médium, de que já poderíamos reiniciar os trabalhos de efeitos físicos, indo dois médiuns para a cabine, tendo-se verificado ligeiros fenômenos de voz direta, tendo sido encerrada a sessão com uma prece, proferida pelo Farmacêutico Galeno dos Santos. A segunda sessão contou com o concurso do médium Lins. Os trabalhos iniciaram-se por uma prece, seguida da leitura de uma página doutrinária, comentada pelos assistentes. A segunda parte teve início depois da orientação do guia espiritual, que prescreve as medidas aconselháveis para o bom andamento da reunião, durante a qual se recorreu ao canto de hinos e à prática de sentidas preces, alternadamente. Foram observados diversos fenômenos de luz, de côres várias, de grande efeito. O querido José Grosso falou mais de uma vez, por voz direta, adiantando-nos que espíritos amigos brindar-nos iam, nessa noite, com trabalhos preciosos de parafina. Foram arremessadas duas pedras e duas flores de parafina no meio da assistência. Terminada a sessão com uma prece, proferida pelo Ferreira, verificou-se que os espíritos haviam deixado dois modelos de mãos, um dos quais entrelaçado, sendo que o



modelo simples foi dedicado ao Major farmacêutico Ismael Pinto, pelo espírito de seu pai. Ficou evidenciado que, dos presentes, perderam peso os seguintes companheiros: eu, um quilo; Risoleta Vilar Viola, meio quilo e o Major Ismael um e meio quilo.

\* \* \*

A reunião do último sábado foi presidida pela Vice-presidente, senhorinha Laís Teixeira Dias, iniciando-a com uma prece, precedida de um hino, cantado em cântico. Feita a leitura de uma página de André Luiz, passa-se a fazer alguns minutos de concentração, durante os quais o espírito de Arací se incorpora, orientando sobre a melhor maneira de serem dirigidos os trabalhos, depois do que o médium Lins se recolhe à cabine. Alguns minutos de preces e comentários da lição da noite e passam a observar-se encantadores fenômenos de luz feérica e multicolor, manifestando-se em forma de circunferência móvel. Os espíritos de José, Neuza e André Luiz falam, por meio de voz direta, doutrinando e confortando. O espírito de Margarida, esposa do companheiro

Afonso Fonseca, dirige-se ao marido, em voz direta. Um outro fenômeno se verificou, simultaneamente: o do toque de u'a mão materializada no ombro do Fonseca, tendo o José elucidado tratar-se de uma carícia da esposa desincarnada. Enquanto eu fazia uma ligeira peroração, materializa-se um espírito que assoma ligeiramente à entrada esquerda da cabine, cuja identidade não ficou evidenciada, em virtude da obscuridade profunda do recinto. O José ainda observa que o espírito de Margarida deixara sua mão direita modelada em parafina, destinada ao Fonseca, o que foi confirmado depois de encerrada a sessão, momentos após ter um espírito recomendado se a encerrasse com uma prece, o que a Laís observou rigorosamente, tendo o irmão Inacio ido despertar o médium, assistindo-o como é recomendável. O Antonio Alves Ferreira declarou, finda a reunião, que sua esposa, D. Eurídice, havia ficado radicalmente curada do deslocamento da espinha dorsal, com as últimas sessões do «André Luiz».

*Amadeu Santos.*

Rio, 20/10/947.

## Solidariedade

A solidariedade póde ser um sentimento, um princípio ou uma virtude.

Como sentimento, é natural a todo sêr pensante; como princípio, encontra-se entre os que têm a razão bem amadurecida; como virtude localiza-se na alma dos grandes reformadores, filósofos e sociólogos.

Em sua primeira forma, isto é, solidariedade simplesmente como sentimento natural, sofre constantemente os rudes golpes do egoísmo pessoal, familiar e racial.

Em suas duas últimas formas é, a solidariedade, o dinâmico elemento propulsor da humanidade para a sua mais alta e legítima civilização.

Os maiores vultos de todos os tempos que inestimáveis bens proporcionam à espécie humana são, sem dúvida, aqueles que, com inteligência e perseverança, sabem cultivar a so-

lidariedade, quer como princípio, quer como virtude.

Assim é que, a solidariedade, adotada como princípio, tem sido sempre a salutar norma dos verdadeiros sábios, levando-os a dedicarem todas suas energias, em inteiras existências, aos mais delicados estudos e experiências, muitas vezes fatais, arriscando, portanto, a própria vida em benefício da humanidade, para realizarem novos conhecimentos e descobertas nos diversos planos das incomensuráveis leis ainda ignoradas pelo homem, leis essas que quanto menos ignoradas, mais, inegavelmente, elevam o mundo para o seu estado cada vez melhor.

Todavia, solidariedade, como virtude é a síntese da sua mais nobre e elevada forma.

E' sentindo-a e praticando-a como tal que os legítimos reformado-



res, filósofos e profetas vão, sob a égide da mais lídima moral, revelando os princípios fundamentais da harmonia e paz universais, capazes de canalizarem para o Bem as grandes descobertas científicas, desviando-as da sua aplicação para a prática do Mal.

Quando toda a humanidade pu-

der sentir e praticar a solidariedade em sua mais sublime expressão terá, por certo, conseguido realizar grandes prodígios no reerguimento do bem comum.

*Fernando Pereira de Moraes.*

Itapetininga, 12/4/948.

# Argentina Espírita

Mariano Rango D'Aragona

Ao lado das festas de Hydesville, para comemorar o centenário do ressurgimento do Espiritismo, a Argentina, primeira das nações americanas, lembrou o grandê acontecimento com um esfôrço de publicidade digno de ser lembrado no Brasil.

Conheci aquela República no ano de 1915. E, como afirmaram Ferri, Jaurés, Ferrero, etc., etc., é a mais culta do Sul, vanguardista sempre de todo movimento intelectual. Não devia ser diferentemente da III Revelação, que a Argentina cultivava, principalmente, do lado científico, demonstrando como um mundo, baseado nos «cultos», será perenemente atrasado no caminho racional do Divino Universal. De facto, não se pode conceber Deus, sem reconhecer n'Ele o máximo fator da «Inteligência», do «Amor», da «Harmonia», os três elementos que faltam ao nosso planeta expiatório.

Ora, enquanto o Espiritismo ficar no terreno da «competição religiosa», será sempre fonte de polêmicas e discussões estéreis, deixando a Ciência ir à frente do movimento materialista, mais que moral; e a alma é a nobreza da Moral.

«Miscere utile dulci», isto é, juntar a Fé ao conhecimento da Vida Universal, da qual o nosso pequenino globo é parte infinitesimal, e portanto, no dever de avançar cada vez mais no conhecimento das regiões mais progredidas do Reino Celeste.

As teorias são belas, mas o grande mistério do Infinito exige que o olho da nossa «inteligência», penetre, também, nas belezas recônditas da Criação, para onde vamos.

No Estado de Illinois há o maior observatório do mundo, que tende a penetrar no recôndito do Céu, e que já

chegou a revelar nebulosas que abraçam sóis e planêtas de um tamanho milhares e milhares de vezes superiores à Terra. Nós seremos intelectualmente pigmeus até quando transcurarmos de aproximar os irmãos maiores do espaço. E devemos a esta ignorância «voluntária» o sermos egoistas, cruéis e fraticidas.

Dai aos homens o pão da Ciência, juntamente ao da Fé, e ficareis certos de que os novos homens chegarão mais depressa para venerar em Jesus o Mestre dos mestres, e em Kardec o revelador dos reveladores, ou seja o Consolador.

O mesmo Kardec prometia, pelo fim do século passado, ou o princípio do presente, a sua volta triunfante ao planeta, o que ainda não se deu. De facto, se êle voltasse hoje acharia a humanidade ainda no «estado caótico» do século passado, obrigando-o a refazer o trabalho colossal da sua época. E o mesmo Cristo não pode, de Sol que é, voltar a ser um satélite da evolução humano-espírita.

Voltando ao progresso científico-espírita da Argentina, acabei de lêr o mais poderoso artigo que o nosso confrade Rufino Juanco, do Mexico, escreveu sobre o centenário de Hydesville, e as suas consequências lógicas. O artigo foi publicado em «Constância», a revista doutra, substanciosa, racional, espírita, que se publica na América do Sul. Não é possível transcrever o longo e profundo trabalho, mas, sim, revelá-lo sintética e sumariamente. Demonstra, antes de tudo, que o Espiritismo, divinamente revolucionário, sepultou todas as lendas bíblicas, que se eternavam em cada precursor do Cristo, ativando as leis antigas da moral, em modernas; purificando a ciência positiva; elevando o conceito religioso à luz da razão divina, sem ignorância ou



misticismo, fazendo da psicologia experimental o cadinho que seleciona a verdade da mistificação; pulverizando todos os anátemas dogmáticos contra a revelação do imortal, e, conseqüentemente, erguendo Deus a fator de amor e de perdão; pondo a consciência humana como juiz das suas obras, pela mesma luz divina; demonstrando que nunca, como o Espiritismo, sobem ao reino celeste os redimidos pelo sacrifício do Cristo, através a lei da reencarnação; fixando o progresso das criaturas na fraternidade, no amor e no perdão, para constituir a meta da felicidade eterna, que é o escopo único e soberano da Criação, onde o Espiritismo é o verdadeiro código da vida.

«Quod sufficit», para demonstrar aos nossos leitores que, a despeito dos acontecimentos nefastos que se multiplicam, no mundo, parecendo até que os crentes

no Apocalipse têm razão de vêr acabar a humanidade... no inferno dogmático, aumenta o número dos novos e humildes precursores do Consolador, dos quais Allan Kardec foi o maior e genial codificador. Todavia, também há espíritas que, por efeito de demasiado misticismo, vergam-se às calamidades da época, gemem e rezam como outros tantos Isaías, Enoch, Bajuch, etc., etc., esquecendo a vinda do Redentor.

A hora é de luta ativa, racional e decisiva, unicamente entre a mesma humanidade, focalizando a Ciência positiva e a Fé pura, educando as massas, afim de que suportem as conseqüências dos «próprios êrros», porque, pelo nosso Espiritismo, «não há efeitos sem causas».

Irmão, que a Luz Divina vos ilumine e ampare!

Eternamente.

## Duas Fôrças em Choque

Leopoldo  
Machado

O materialismo e o Espiritualismo, eis as duas maiores fôrças em choque no mundo. Todas as crises e misérias derivam, exclusivamente, dêsse choque tremendo! A fôrça incrível que o materialismo faz para vencer e dominar sozinho engendra a hora de incertezas cruéis por que passa o Planeta. E' verdade que o materialismo avançou muito. Em conseqüência mesmo da falta de armas poderosas às mãos do adversário. Avançou muito, mas, a futura vitória, definitiva e redentora, não será sua. Venceu tanto, que se arvorou em filosofia e ciência positiva; que teve a pretensão de querer, só com a fôrça e a matéria, explicar tudo, resolver todos os problemas. Foi, é fôrça confessar, impotente, até aquí, o Espiritualismo, para tolher-lhe o passo atrevido, a liberdade de ação, as armas do raciocínio e do livre pensamento. E onde ha dogmas forjados por homens, com poder de sentenciar: «Crê ou serás condenado», deixa de haver liberdade de ação. E sem liberdade de movimento, quer materiais ou espirituais, não se ganha uma batalha. Que valem, na verdade, as armas que o espiritualismo católico e protestante esgrimiu até agora para em-

bargar o poderoso adversário? Muito pouco, na verdade.

O materialismo agride com todas as armas, valha a verdade.

A começar com a da antiguidade de suas idéias, com a respeitabilidade de nomes gloriosos que o defendem e o abonam.

Remonta à Grécia, o materialismo dialético, ou filosófico.

Porque ha dois materialismo: o dialético e o popular-social.

Democrito, Epicuro, Anaximandro de Mileto foram, por assim dizer, seus primeiros seguidores. Se é que não foram seus fundadores.

Através das éras, a doutrina atraiu grandes nomes e grandes vultos, como Francisco Bacon, Galileu, Descartes. O «na dúvida, abstem-te», de Descartes, é um convite sensatissimo contra a crença religiosa. E a abstenção, que seria geral se todos estudassem, a frio e a sério, o problema religioso, favoreceu, grandemente, o materialismo.

Saiu o materialismo das cogitações filosóficas e dialéticas para as questões práticas, objetivo-sociais, com Maleschott, Carlos Vogt, Louis Buchner, Haeckel. E fez-se questão puramente social, transfor-



mado em comunismo, com Karl Marx. E transformou-se até em religião positiva — o Positivismo — com Augusto Comte.

Avançou, assim, o materialismo, sem encontrar barreiras sérias.

Pois, se o Espiritualismo, teve, até, de materializar seu corpo de doutrina para não perder, de todo, a clientela!

Foi isso que se deu com a primeira oposição séria que o Espiritismo lhe apresentou com o judaísmo. Os rabinos e fariseus de tal modo materializaram o Espiritualismo, que mataram os profetas e crucificaram Jesus. Suas práticas, aberrantes de qualquer espiritualidade, materializaram tudo: as práticas, os ensinamentos, as orações. Materialidade que o Cristo, a despeito de ensinar que «Deus é Espírito, e só em espírito e verdade deve ser adorado», não conseguiu abolir no seu tempo; materialidade que desbordou, até em nome do Cristo, para o catolicismo e o protestantismo.

Em nome do Cristo, fez-se coisa pior: armaram-se as Cruzadas, que eram mais expedições especuladoras do que religiosas; criou-se a Inquisição, as classes sociais foram divididas e os poderosos, bajulados, enquanto os pobres foram oprimidos. S. Tomaz de Aquino, o maior cabeça da Igreja doutrinava que «quem nasceu servo devia viver a servir a vida inteira». Um portão de ferro, portanto, colocado à frente de quem aspirasse ascender para a liberdade, a igualdade e a fraternidade, a preceito do Cristianismo puro e da Democracia. Aquelas virtudes, para o santo angélico, são possíveis, sómente, no campo espiritual. No social, não: pobre é pobre e rico é rico; servo é servo e senhor é senhor. A hierarquia da Igreja ainda hoje endossa a doutrina social do frei. Por isso mesmo que Voltaire, nos últimos tempos de sua existência, só se dirigia à Igreja e ao clero, vociferando: «ecrasez l'infame».

O Protestantismo, se apresentou muralhas mais fortes contra a marcha do materialismo, não teve, entretanto, poder de vencê-lo, de aniquilá-lo. Nem podia, uma doutrina que condiciona à fé, sem o alicerce da Caridade, a salvação. Uma doutrina, cujo fundador chegara a afirmar recusaria a salvação se esta dependesse do trabalho de mover uma palha. E bem lhe soube unir-se aos nobres para exterminar as revoluções reivindicadoras dos camponeses, animadas por João Huss,

a ponto dêsse abnegado visionário polonês ser arrastado à fogueira. Um espiritualismo, de que um dos chefes arrasta, vivo, à fogueira, um Miguel Servet, só por discordar dêle em pontos de doutrina... E as duas fôrças se chocavam, com vantagens apreciáveis para o materialismo, que, orgulhoso, perguntava:

— Para que precisais de um Deus? Para explicar o universo e a Vida?

Aí estão os estudos de Le Dantec, de Buchner, de Haeckel, que demonstram a fôrça e a matéria como a origem racional de tudo. Se puderdes, sr. Espiritualismo, desmentí-lhes com as vossas teorias bolorentas da Criação em sete dias.

E continuava ainda:

— Precisais de uma religião para tornar os homens melhores? Onde, essa religião? o Cristianismo? Mas, não foi em nome do Cristo que se armaram as fogueiras inquisitoriais? Que se queimaram, *ad majorem Dei gloriam* tantos herejes nas praças públicas, chegando-se, até, ao displante de levar-se um Constantino e um Pedro Arbués á santificação dos altares? Sabei que nosso materialismo religioso é bem mais poderoso. Perscrutai a religião sem Deus e sem Imortalidade, — o Positivismo — e vereis como é superior a tudo que, em nome de Deus, vosso espiritualismo anda ensinando! Onde, no vosso espiritualismo, coisa que se pareça ao nosso *viver para outrem*? Ao nosso «o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim?»

Foi nesse entrechoque que, ha noventa anos, apareceram dois reformadores incômunos, alteando barreiras intransponíveis ao materialismo: Flamarion e Kardec!

De um lado do Reno, o materialismo insolente gritava que não se carecia mais de Deus para explicar a origem de tudo, que o sr. Ernesto Hæckel principalmente, alí estava para dar, com a fôrça e a matéria, todas as explicações precisas e racionais.

Da outra margem do Reno, ufanava-se êle, o materialismo, de já não se precisar mais de religião nenhuma para tornar o homem bom, pois alí estava Augusto Comte, com o seu positivismo, com essa altíssima finalidade.

Surge, então Camilo Flamarion, com o seu *Deus na Natureza*, refutando, irresponsavelmente, a ciência-religião positiva do Sr. Augusto Comte.



Então, aparece o *Livro dos Espíritos*, demonstrando que a Ciência tem de aliar-se à religião, e a fé à razão, para que o homem seja, realmente, feliz à face da Terra.

A obra de Allan Kardec prestou, de tal sorte serviço à Igreja, que já não dispunha de argumentos e autoridade para confundir o materialismo, que uma autoridade eclesiástica, e das maiores, — porque orador sacro mais respeitável em França, o dominicano Lacordaire, chegou a afirmar que havia sido Deus que inspirara o sr. Allan Kardec para provar, cientificamente, aquilo que a Igreja vinha ensinando há séculos sem que ninguém a levasse a sério...

Da Igreja, portanto, um dos primeiros louvores que este livro, — o que, depois da Bíblia, mais tem beneficiado a humanidade — recebeu. Veio, depois, o *Evangelho Segundo o Espiritismo*, elucidando que ninguém deve viver explorando a fé alheia, que se deve servir à religião sem profissionalismo. Daí, o motivo maior do clero hostilizar, hoje, o Espiritismo...

Era o Espiritualismo racional e convincente, poderoso e invencível, que aparecia, a demonstrar que o homem era alguma coisa mais do que um feixe de ossos, de nervos, de músculos; mais alguma coisa do que a vontade escravizada a fés

cegas, a crenças sem análise. Espiritualismo que veio demonstrar existir no homem alguma coisa mais do que Matéria. Que, se Deus colocou no homem o cérebro em cima, o coração no meio e o estômago em baixo, foi para o homem fazer, com independência, uso do cérebro, colocar o coração em situação de equilíbrio entre a mente e o estômago que não é órgão com poder e fôrça para nortear, por si mesmo, os problemas humanos. Espiritualismo que reconcilia o homem com os imperativos de seu coração, que deve equilibrar a Vida. Até mesmo para justificativa do brocardo latino: *In medio stat virtus*. A virtude está, com efeito, no meio, que não nas extremidades, que os extremos são perigosos. O orgulho do cérebro equivale ao materialismo do estômago. E o homem de coração nem se orgulha de nada, nem vive só para materialidades...

E a luta continuará.

Mas, já agora, em terreno que foge, a cada passo, aos pés do materialismo dialético ou popular. E aos pés da religiosidade sectarística, de vez que é espiritualismo de molde «a olhar, face a face, a razão em qualquer época da humanidade».

Este, o espiritualismo vencedor, o Espiritismo, que se impõe sem dogmas e mistérios, sem sacerdotes e sem profissionalismos, sem exclusividades e intolerâncias...

## A Verdade Profética

:: J. B. CHAGAS ::

— I —

Quem quer que estude o Velho Testamento, com os olhos devêr, encontrará vaticínios e profecias, uns e outras que já se cumpriram ou estão se cumprindo no presente.

Um profeta de Deus houve, chamado Daniel, que viveu numa época seiscentos anos antes de Jesus, em fôrma humana, que se referiu no seu livro a profecia sôbre os dias de Babilônia, faz 2.500 anos, a qual atravessando os séculos chega aos nossos dias, mostrando-nos o futuro dêste mundo.

A realidade tem demonstrado a exatidão dêsse maravilhoso livro, por terem se cumprido todas as suas previsões, levando nos a aceitar a sua inspiração divina.

Nem por isso, somos daqueles

que aceitam a infalibilidade integral de tudo o que se contém na Bíblia.

Apenas como objeto de estudo, vamos lembrar algumas das aludidas profecias, da categoria daquelas que se cumpriram.

Um homem houve chamado *Isac Newton*, que, ao se referir ao livro de Daniel, afirmou: — «Quem quiser refutar as profecias de Daniel, terá que, para isso, enterrar a religião cristã, uma vez que esta foi fundada por Cristo sôbre as aludidas profecias».

A própria História reconhece a autenticidade e o profetismo do livro de Daniel, como veremos adiante, e Jesus também a êle se referiu, aconselhando a sua leitura (Mat. XX IV-15). Existem ainda provas da sua autenti-



cidade que pertencem aos dias da grandeza babilônica, previstos pelo profeta, sendo ainda mais um dos livros que serviram para a formação da Versão dos Setenta, tradução do Novo Testamento para o grego, iniciada 200 anos antes da vinda de Jesus.

As declarações acerca da sua exatidão constituem outras tantas provas de sua antiguidade e origem divina, a ponto de atraír a atenção dos estudiosos e de muitos comentaristas.

#### 1 — O Sonho de Daniel e a Felicidade Futura

A profecia contida no Capítulo II do livro de Daniel, resultou das preocupações do poderoso monarca Nabucodonosor, sôbre o futuro, que ainda hoje é o eterno anseio de todas as criaturas.

Esse rei teve um sonho e o seu espírito ficou em extremo atemorizado, acontecendo o imprevisto de tê-lo esquecido completamente.

A razão dêsse esquecimento era que, tendo Nabucodonosor em sua côrte muitos magos, adivinhos e astrólogos, etc., que prediziam o futuro e pretendiam revelar mistérios, Deus quis que êle se convencesse da incapacidade dêles, para descobrirem o sonho, e vir a dar a interpretação por intermédio do seu profeta, ou seja por meio de Daniel, não sómente para benefício do próprio rei, como prova insofismável da inspiração divina das Escrituras nos tempos futuros.

E assim, o profeta Daniel decifrou e explicou ao rei o seu maravilhoso e profético sonho, em virtude de revelação especial que recebera de Deus: — como êle mesmo afirmou: — «A mim também me foi revelado este mistério». (Daniel — II-29)

A profecia contida nesse sonho atinge os dias que correm e vem revelar os acontecimentos que ocorrerão no mundo ao fim do milênio.

Após ter o rei Nabucodonosor ter esquecido o sonho que tivêra, mandou que se convocassem os adivinhos, os mágicos, os encantadores e os caldeus, para que lhe declarassem qual havia sido o seu sonho. Assim êles chegaram, foram levados à presença do rei, que lhes

disse: — «Tive um sonho e, confuso na minha idéia, não sei o que vi». Os caldeus responderam ao rei: — «O' rei, vive eternamente; diz a teus servos o sonho que tiveres, e nós t'o interpretaremos.» — «O meu sonho — disse o rei — me fugiu da memória; se vós não me declarardes o tal sonho e a sua significação, todos vós perecereis, e as vossas casas serão confiscadas. Se vós porém me disserdes o meu sonho, e que é o que êle significa, recebereis de mim prêmios, e dons, e grandes honras; dizei-me pois o sonho, e a sua interpretação». Novamente os caldeus lhe responderam: — «Diga o rei a seus servos o sonho que teve, e nós lhe daremos a sua interpretação». O rei não se conformou com essa evasiva e voltou a insistir: — «Conheço certamente que assim ides ganhando tempo, porque sabeis que me esqueceu o sonho. Se vós pois me não disserdes o que eu sonhei, o conceito, que unicamente formarei de vós, é que também inventastes uma interpretação enganosa, e cheia de ilusão para me entreterdes com palavras, até que haja passado o tempo. Dizei pois qual foi o meu sonho, para que eu também saiba que a interpretação que lhe derdes é verdadeira». Disseram mais uma vez, os caldeus: — «Não ha homem, ó rei, sôbre a terra, que possa cumprir o teu preceito, e nenhum rei há, por grande e poderoso que seja, que pergunte semelhante coisa a adivinho algum, nem a mágico, nem a caldeu. Porque o que tú perguntas, ó rei, é difícil; nem se achará pessoa alguma, que declare isso diante do rei, exceto os deuses, que não têm comércio com os homens». Ouvindo isto o rei se enfureceu e cheio de grande ira, mandou que percessem todos os sábios de Babilônia! Foi publicada a sentença para a matança dos sábios. Andava-se também a procura de Daniel e seus companheiros, para também serem mortos. Daniel então se informou de Arioch, general dos exércitos do rei, que havia saído para fazer a matança dos sábios de Babilônia, sobre que lei e sentença eram estas. Arioch tudo informou a Daniel. Estando Daniel diante do rei lhe pediu fos-



se concedido algum tempo para lhe dar a solução do que êle rei desejava saber. Após o que Daniel ao chegar em casa deu a notícia do caso aos seus companheiros, Ananias, Misael e Azarias, pedindo a êles que implorassem misericórdia, postos na presença do Deus do céu, para a revelação dêste segrêdo, para que êle, Daniel, e seus companheiros não pervessem com os outros sábios de Babilônia. Então, foi descoberto êste mistério a Daniel numa visão á noite, e Daniel bendisse ao Deus do céu, falando assim: O nome do Senhor seja bendito desde o século e até o século, porque dêle são a sabedoria e a fortaleza. E êle mesmo é o que muda os tempos e os séculos, o que

transfere e estabelece reinos, o que dá a sabedoria aos sábios, e a ciência aos que entendem da disciplina. Ele é o que revela as coisas profundas e escondidas, e o que conhece o que está nas trevas e com quem está a luz. A tí, ó Deus de nossos pais, a tí louvo, porque tú me deste a sabedoria e a fortaleza, e agora me mostraste o que nós te tínhamos pedido, porque nos descobristes o que o rei desejava saber. Depois disto Daniel foi ter com Arioch, a quem falou assim: «Não mates os sábios da Babilônia. Leva-me à presença do rei e eu exporei a êle a solução que deseja.»

(Continua)

# O Jogo das Hipóteses

«Vosso jogo de hipóteses, na maioria das circunstâncias, não passa de dança macábra dos raciocínios, fugindo às realidades universais e adiando, indefinidamente, a edificação real do espírito!» Alexandre, mentor espiritual. Do livro, «Missionários da Luz».

Os acadêmicos da terra, em sua quasi generalidade, quando falam sobre fenômenos do espírito tomam-nos por hipótese. E não são os piores por que outros há que negam, a priori, toda e qualquer manifestação espirítica. Surge um fenômeno de transporte?

— E' hipótese, mesmo que o vejamos com os próprios olhos.

Materializa-se um espírito?

— E' hipótese, apesar de o auscultarem, medirem, pesarem etc.

Molda-se pés, mãos, peitos, em parafina?

— E' hipótese. Não importa que o fenômeno se processe debaixo de perfeito contrôle. O fato é que foge ao habitual, logo é hipótese.

Um espírito, também chamado fantasma, joga pedras, arrasta móveis, põe uma casa em alvoroço?

— E' hipótese, não obstante o

provado que nenhum mortal tomou parte na brincadeira!

Falam os espíritos em voz direta?

— E' hipótese, nem que a voz seja absolutamente semelhante à do tal homem que viveu entre nós.

Vem uma mensagem do Além, com todos os característicos do homem desencarnado, comprovando sua personalidade com segredos sómente do conhecimento dêle e do encarnado, a quem se dirige?

— Ainda aí é hipótese. E' um caso simples de telepatia!...

E não há nada que demova essa gente. E com o jogo das hipóteses ou dança macábra dos raciocínios — definição dada por Alexandre — continuam os tais sábios a fazer, também, o jogo macábro dos êrros, com todas as suas conseqüências funestas, entre os viventes. Pobres seres! A sua ciência, ao que parece, atrofiou-lhes as faculdades sensoriais, a inteligência.

Contraste doloroso.

Ou então são cientistas de nome, não de fato.

Em verdade, há homens cultos que são toupeiras, e homens ignorantes — quanto à ciência da terra — que se revelam verdadeiros luminares. E



os encontramos no campo, na indústria, no comércio, nas artes, etc. Aliás, inteligência e cultura são duas coisas distintas. A inteligência acompanha o homem desde o berço, adquirida, que foi na poeira dos séculos. Não se improvisa, portanto. A cultura, ao contrário, pode-se adquirir em poucas encarnações, dentro da relatividade das coisas. Póde um homem, dado seus pais possuírem vastos recursos, frequentar as academias e adquirir cultura, embora sua inteligência seja medíocre; e um outro homem, embora vastamente inteligente, cair em um meio pobre, e não poder estudar por falta de recursos. Pode-se portanto ser culto e possuir limitada inteligência e ser vastamente inteligente e ter pouca cultura.

Não é de admirar, pois, levando-se em conta essas particularidades, encontrar cultos que negam a pé firme o ato provado — e note-se, a base segura da ciência é o ato experimental — e não cultos que tiram dos mesmos fenômenos ilações admiráveis, aproveitando as profundas lições dos Mestres da espiritualidade, capazes de transformar suas mentes doentias em inteligências sadias, fazendo deles homens de bem e úteis ao próximo.

Apesar de taxados de néscios, bôbos e crédulos, vamos caminhando, irmãos, sempre para a frente, deixando esses cultos entregues a si mesmos e à sua cultura!...

H. Magalhães.

# Livros e Autores

Leopoldo Machado

## A Solução do Problema

*A propósito do AFINAL, QUEM SOMOS, de Pedro Granja*

O conhecimento do Homem, da Vida e do Universo tem sido o problema sem solução para a Ciência, a Filosofia e a Religião.

Sem embargo do orgulho com que as três se apresentam, qual das três já disse a última palavra, definitivamente, sobre o magno assunto?

Afinal, quem somos, para a Ciência?

Nem na sua parte mais negativista, e que deveria ser a mais espiritualizada, a medicina, somos conhecido; deixamos de ser o *homem, esse desconhecido*...

Afinal, quem somos, para a Filosofia?

Perlustrem-se todos os sistemas filosóficos do passado e do presente, a partir, vamos dizer, de Tales de Mileto até o sr Einstein, que daí sairemos com as idéias cheias de teorias bonitas, com o espírito riquíssimo de cultura e lindos devaneios filosóficos, mas, sem conhecimento real do que somos...

As religiões, menos, ainda, do que a Ciência e a Filosofia, pouco adiantam ao assunto, a despeito de se apresentarem como verdades reveladas.

Nada, de positivo e à prova de fogo do raciocínio puro dizem sobre a Verdade em questão...

Contudo, a Vida existe, e nós a sentimos!

O Universo aí está e nós gravitamos nêle!

A Humanidade vive, e somos parte dela!

Afinal, quem somos?

\* \* \*

Pedro Granja propõe-se a responder em um volume substancioso, admiravelmente bem impresso, de apresentação gráfica atraentíssima, com quasi 400 páginas, prefaciado por Monteiro Lobato.

Propõe-se a responder, não dizemos bem.

Apresenta a resposta, ou a solução, que existe, racional e lógica, há perto de cem anos, ao magno problema.

E' o que se verá, lendo o grande livro, que é também, um livro grande.

\* \* \*

O prefácio do grande escritor paulista o que menos nos interessou na obra.

Desrecomenda-a, até, para nós.

Termina, entretanto, bem. Tão bem,



que ajustamos a nós suas palavras finais :

«O assunto é grande demais e, como posso eu, pretencioso átomo dos mais ínfimos — átomo só convencido de que nada sabe e nada póde saber — prefaciá um livro que é um quadro imenso de nossa cegueira e de nossa impotência? . . .»

Ora, se esta é a situação do grande escritor em face de problemas tão importantes, condensados no volume, que dizer do modestíssimo crítico?

\* \* \*

Pusemo-nos ao livro de Pedro Granja, que grangeou, para logo, nossa enorme simpatia por duas coisas: pela modestia do autor e finalidades de sua publicação.

«A sua publicidade — escreve o autor — não traduz preocupação de vaidade: é obra de inúmeros autores espíritas, porque de vários estudos feitos em benefício de seus irmãos terrenos e encima o título desta obra um nome que a convenção literária designa como seu autor», etc.

«A renda bruta de sua publicação será entregue em partes iguais ao *Abrigo Baturá* e ao *Instituto Padre Chico*. Uma, à inocência que ainda não compreende as suas misérias... Outra, à cegueira, que talvez, intimamente, compreenda as misérias dos que vêem...»

\* \* \*

O autor e a obra eram de nós ignorados até o momento em que nos meteram nas mãos o livro.

Tinhamos outros volumes aguardando leitura.

Mas, por tudo isso, e pela originalidade do título, e matéria de seus capítulos, tivemos aguçada a curiosidade.

O AFINAL, QUEM SOMOS? passou, então, a encher nossas horas de sexta, que as reservamos à leitura.

• • •

Nada fez mais, diz o autor, do que compilar :

«De seu, é, sómente, o trabalho de concatenar o que já existia e mais os êrros que o leitor facilmente corrigirá».

Concatenar com precisão, citar com oportunidade, transcrever o que deve e tem utilidade, não é coisa fácil.

E', mesmo, difícilimo.

E dessa dificuldade, Pedro Granja sai-se airoosamente, concitando o leitor a

desculpar o outro trabalho dêle, que não existe, em verdade, no volume.

\* \* \*

O objetivo inicial do autor é, se bem apanhamo-lo, trazer as idéias espiritualistas desde os tempos mais remotos e através de povos líderes, até o Espiritismo. Em sínteses oportuníssimas, vemos passar diante dos olhos e da inteligência as idéias espiritualistas dos Vedas, Índus, Egípcios, Gregos, Gauleses, Hebreus, até o advento do Cristianismo. Depois, a Doutrina do Cristo através de todas as suas fases, até chegar a fase espiritística, a última e aquela que diz, lógica e racionalmente, afinal, quem somos.

Demora-se estudando a Igreja de Roma. Aí, empresta tons polemísticos a sua análise, viva e candente, que lembra Inácio Ferreira ou *alguém*, na sua fase de acesas polêmicas com o clero . . .

O autor exaustiva-se em multiplicar provas sobre provas, confirmativas da existência do Espírito, sem a qual ninguém, nem doutrina alguma, resolverá o magno problema. Provas que, se a um espírita estudioso e culto — como se fosse possível existir espírita de verdade que não estudasse para ilustrar-se cada vez mais — não são novidades, impõem-se como ultranovidades ao espírito e á inteligência de alheios desses estudos.

E aquí está o mérito maior da obra.

\* \* \*

*Afinal, Quem Somos?* colima, admiravelmente, o propósito por que foi elaborado e publicado. Leva-nos á convicção de que, enquanto a Ciência e a Filosofia não saírem do campo árido do materialismo e do negativismo, não terão autoridade e fôrça para resolverem o grande problema. Leva-nos á convicção de que, enquanto — as religiões não se dessectarizarem, conferindo ao espírito do religioso o livre exame de tudo, como bem aconselhou Paulo, ninguém, a dentro das religiões, chegará a saber o que foi, o que é, o que será . . .

\* \* \*

Somos duplamente grato ao autor, pelo volume que nos coube, com honrosa dedicatória e por ver nosso nome aparecer nas suas páginas, lanternoado com virtudes e qualidades que não possuímos.

Por exemplo: não somos mestre em nada, nem doutor em coisa alguma.



# Crônica Estrangeira

## Fantasma por toda parte

Recebemos de amável leitor um recorte da revista ilustrada EL HOGAR, presumivelmente do Chile, que traz um artigo subordinado ao título supra e de que reproduzimos o seguinte:

... Dizem de Londres — a notícia é da U. P. — que há trezentos anos um pai irascível matou sua filha e o rapaz que a cortejava, encerrando-os num guarda-roupa existente no porão da casa. Anos depois foram encontrados os esqueletos dos desventurados noivos que foram piedosamente sepultados. Porém isto não foi o bastante para afugentar do velho casarão os espíritos do jovem par. Depois ninguém quis morar naquele prédio. A vinte léguas em redor falava-se de que ali ocorria durante as noites. E, consequentemente os descendentes daquele pai terrível só tiveram em sua casa solarenga uma série de acontecimentos que lhes acarretava toda sorte de gastos e dissabores.

Agora Mr. Key Twickenien, um dos herdeiros do imóvel, apresentou-se às autoridades municipais do distrito de Eel de Pie requerendo a redução dos impostos da propriedade. E as autoridades se apresaram a iniciar uma investigação, enviando ao casarão um corpo de técnicos do mistério, entre os quais figuravam alguns «médiuns». Após algumas tentativas infrutíferas, uma noite, ao romper da aurora apareceram os espíritos dos noivos. E pouco depois, os técnicos do mistério sabiam do que se tratava. Os espíritos se recusavam obstinadamente a abandonar a casa solarenga. Assim o afirmou, sob juramento, a senhora Thompson, famosa «médiun» londrina. E neste momento as autoridades municipais têm que optar por uma das alternativas: concordar com a redução dos impostos solicitado por Mr. Twickenien ou desalojar os fantasmas perturbadores...

As mais singulares histórias circulam de um tempo a esta parte por todos os rincões do nosso pacífico planeta.

Antes de prosseguir com nossas histórias aterrorizantes, façamos uma

simples menção do Clube Fantasma de Londres. Sabido é que Londres vem a ser uma espécie de capital do mistério, pela forma que ali são praticadas as crenças e os métodos espiritistas. Por certo que não é nosso intuito por em dúvida nem por um instante a seriedade das pessoas que se dedicam a tais práticas. Essas pessoas são legião e suas crenças são tão respeitáveis como quaisquer outras. Daí nos parecer natural que, terminada a guerra, tenha começado a funcionar de novo o Clube Fantasma, instituição integrada pelos mais famosos «médiuns», hipnotizadores, comedores de fogo e pretensos realizadores da yoga indiana. Até estalar o conflito bélico, o clube realizava uma sessão mensal em que se experimentavam as últimas novidades no terreno psíquico. Fundada em 1863, a instituição nunca deixou de realizar sessões e de fazer revelações cada vez mais notáveis.

Mas veio a guerra, e durante sete anos reinou ali o mais absoluto silêncio. Até que em Março de 1947 se efetuou a primeira sessão de após-guerra, com grande satisfação para os que sempre viram no Clube Fantasma a vanguarda de suas idéias.

Agora o Clube Fantasma de novo funciona normalmente, e é quasi certo estar tratando do assunto em apreço e não levará muito tempo ver-se-á impellido a intervir em outros que estão tirando o sono a centenas de mortais nos mais distantes rincões do mundo.

Do México, por exemplo, chegou, há poucos meses a notícia de que as autoridades estavam assombradas se bem que decididas a levar a termo o que se pode qualificar «como a caça e a prisão do mais famoso fantasma do presente século». A presença deste fantasma e suas façanhas eram relatadas metade a sério e metade a gracejo pela imprensa da capital do país irmão. O tal fantasma quasi causou a morte de um inspetor do Ministério de Obras Públicas, roubou um sorvete a um ascensorista, deu uma vassourada em outro funcionário e, por último, se divertiu a fazer cócegas em várias datilógrafas.

O inspetor Luiz Delgadillo foi conduzido ao hospital em estado grave, depois de jurar que havia sido abraçado pelo fantasma. As autoridades tomaram



a sério, fecharam e selaram as portas do recinto do ministério em que foi surpreendido o inspetor. Imediatamente foi ordenada uma investigação oficial. E eis que quando o inspetor Guilherme Pérez estava fazendo um registro de mencionada dependência foi golpeado na espádua com uma vassoura. Várias pessoas presentes, entre as quais o inspetor de terceira classe Miguel Fragoso, asseguraram ter visto voar a vassoura de um canto para bater na espádua do sr. Pérez. E todavia ali ninguém mais havia além dos já citados.

Tudo quanto se fez para esclarecer o sucedido, foi em vão. O sr. Pérez já está restabelecido do susto, mas ninguém soube quem ou o que poderia ser a causa do acontecimento.

Mas talvez seja a história de fantasmas mais impressionante e verídica de nossos tempos a da monja de Borley. Um dia um vizinho excitado telefonou a certo diário de Londres afirmando que uma aparição transparente passeava nos arredores da paróquia de Borley. E a partir desse momento, o nosso conceito de mistério entrou em contacto com algo verdadeiramente desconcertante.

Harry Price, membro proeminente da Sociedade de Investigações Psíquicas da capital britânica, escreveu, ponto por ponto, a história da singular aparição. Eis aqui os detalhes mais notáveis:

Segundo a lenda, vários séculos passados, uma monja foi emparedada viva num covento e daí em diante nunca mais houve paz em Borley.

Certa vez um «médium» assegurou ter recebido uma mensagem por meio da qual se afirmava que a Paróquia de Borley seria devorada por um inextinguível incêndio. E apenas vinte e quatro horas depois produziu-se o sinistro, reduzindo literalmente a cinzas a antiga paróquia. A igreja foi reconstruída. Mas tal foi a forma em que a Monja transparente se apresentava que uma dezena de clérigos recusaram o posto de pároco. O reverendo Lionel Foyster foi mais destemido. E quando Price o visitou, ambos participaram de sucessos muito estranhos.

Price encerrou-se com o sacerdote na casa paroquial cujas chaves guardou pessoalmente. Não havia transcorrido um minuto quando vários objetos começaram a voar contra eles, inclusive um pesado garrafão de vinho, e as portas se abriram

de par em par. Em outra dependência a governante soltava gritos de espanto, pois fora encerrada em seu quarto e impossibilitada de transpor a entrada. O sacerdote proferiu uma oração, tocou a porta com uma relíquia e o ferrôlho correu sem que mão visível o tocasse.

Quarenta pessoas formaram guarda para vigiar a casa, e todas viram alguma vez a misteriosa aparição. Cumpre notar que todas eram profissionais, especialmente escolhidas, entre as quais havia muitos professores, filósofos, homens de letras e psicólogos.

De noite e à luz plena, a Monja transparente ia e vinha pela Paróquia de Borley. Entre os inexplicáveis factos comprovados por pessoas de juízo tão sensato como o prof. C. E. M. Joad, famoso filósofo inglês, ou Mr. Mark-Kerr Pearce, diplomata junto ao governo de Genebra, figuram os seguintes:

Repentinamente aparecem nas paredes escritos de grandes frases sem sentido. São vistas pesadas bolsas de carvão irem e virem pelo soalho sem que nada as toque. As portas abrem-se sozinhas, mesmo fechadas à chave.

Toda sorte de rascunhos e de sinais multiplicam-se nas paredes e superfícies dos móveis.

A aparição da Monja passa através das paredes e é vista simultaneamente em dois cômodos separados por paredes de quarenta centímetros de espessura.

Desaparecem os objetos sem que ninguém saiba como e percebem-se odores sem causa qualquer aparente.

Si ao exposto acrescentarmos que em Singapur há uma casa em que as vassouras voam e as facas vão e veem como se tivessem pés; que em Bariloche existe um fantasma negro que, de quando em quando, aterroriza todo mundo; que em La Plata certa vez o bairro de Tolosa esteve grandemente sobressaltado, porque em uma casa os móveis mudavam de lugar, sem causa aparente; que o *Homem Cão* põe em alvoroço a Capela do Monte; e que, finalmente, os fantasmas parecem ter-se multiplicado no mundo neste ano de 1947, não será de estranhar que o Club Fantasma de Londres, deva tomar interêsse no assunto e procurar uma solução para esses dissabores, que são de sua exclusiva especialidade...



## Dois Casos de Clarividência

M. Louis P. Vandevelde relatou os seguintes :

«Certo dia um clarividente recebe a visita da snra. J. L., que desejava consultá-lo. O vidente afirma ver as filhas dessa senhora em país distante, numa região em que havia muita água, e acompanhadas por uma senhora idosa. Efetivamente, as moças encontravam-se em Montevideu, nos banhos de mar, com a avó materna. O vidente acrescentou que dentro de pouco tempo, a avó seria atacada por uma enfermidade e que não tardaria a falecer. Previsão desmentida pelos factos presentes, em vista de uma carta recebida na mesma manhã, anunciando que a avó gozava de perfeita saúde. «Que importa, respondeu o sensitivo; fazei-a voltar imediatamente; não há tempo a perder». A consulente não aceitou o conselho, e duas semanas depois, recebeu uma carta em que as filhas mostravam-se inquietas com a tristeza e a fadiga súbita da avó. A enfermidade prevista não tardou a se manifestar. O clarividente de novo consul-

tado, só poudo dizer: «Eu avisei. Agora, é muito tarde». A senhora morreu dentro de um mês».

O mesmo autor expõe este outro caso: «Uma senhora de nossas relações tinha uma filha que se tornára noiva de um médico. A propósito do casamento, foram consultar certa clarividente, que falou do grande projeto com abundantes detalhes exátos, mas afirmou que o enlace não se realizaria, em consequência de um acontecimento imprevisto. Em seguida anunciou uma viagem a um país distante, além mar. Aconselhou a jovem a não se afligir com a desilusão que a esperava, porque, no país que iria visitar, vivia o homem a que estava predestinada. Aí o encontraria e o casamento se realizaria dentro de três a quatro anos. Ela iria gozar alta situação na sociedade, teria um título, seria feliz e (como nos contos) seria mãe de diversos filhos. Efetivamente, três anos depois, estava na Itália a moça decepcionada. Encontrou, em Roma, o conde Enricho Latini que a esposou. Hoje, ela é mãe de três lindas crianças, e, efetivamente, é venturosa.

# ESPIRITISMO NO BRASIL

## Queima de Bíblias

Na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, missionários católicos que visitaram essa cidade, queimaram em público numerosas Bíblias, sob o pretexto de que as mesmas haviam sido impressas pelos Protestantes.

Condenando esse ato dos modernos *Torquemadas*, que relembram os tristes tempos da Inquisição, eis o que diz «O Estandarte» de 30 de Abril último, da Capital:

«A queima de Bíblias em Santa Cruz do Rio Pardo, de que damos notícia nesta edição, realizada pelos missionários católicos, é algo profundamente chocante, não porque seja um episódio inédito em nossa Pátria, mas porque julgávamos haver atingido um estágio de civilização em que tais atos de selvageria não mais fossem possíveis. Cometeram esses missionários um crime contra a Constituição Brasileira, que assegura a plena liberdade de

religião e de pensamento; um crime contra a propriedade privada, pois os volumes queimados não lhes pertenciam; um crime contra os foros da civilização de nosso país, que êles rebaixaram ao nível de uma senzala de escravos; um crime contra a nossa cultura, que não se compadece com tais métodos violentos e bárbaros; um crime contra o brio da nossa gente, que êles julgam incapaz de reagir contra a ofensa que lhe foi irrogada.

«Foi todavia, um crime estúpido, por inútil e contraproducente. Levantando contra si os espíritos cultos e liberais, não lograrão tais santos missionários amendrotar os evangélicos, nem dete-los na sua obra de evangelização. Antes, estes se sentirão estimulados, acicatados, impelidos com inefreavel ardor para um trabalho evangelizador ainda mais intenso e extenso. Queimem êles muitas Bíblias, e nós as distribuiremos ainda em maior quantidade. As fogueiras por êles ateadas acabarão por iluminar a mente do nosso



povo, para que este veja, nesses homens que queimam livros porque não podem queimar homens, inimigos da Verdade divina, inimigos da luz e da instrução, inimigos da liberdade de pensamento, de religião e de consciência, inimigos de todas as liberdades humanas.

«Erga-se nosso protesto contra êsse crime; ressoe o clamor desse protesto na imprensa livre, na tribuna das Assembléias estaduais e municipais; nas ondas do rádio, por todos os modos enfim, para que tais crimes não se repitam em nossa terra. Se ficarem impunes, se não sentirem a repulsa da opinião esclarecida e consciente, sentir-se-ão alentados para proseguir na rota traçada, cujo fim é o esmagamento da liberdade religiosa, conquista sublime que custou sangue e lágrimas a muitas gerações e da qual não podemos abrir mão, sob pena de nos confessarmos indignos dessa liberdade.

«Fiquemos firmes. Respondamos ao desafio com a nossa grande campanha de evangelização. Dobremos nossos joelhos, pedindo a Deus que se amerceie do Brasil e nos dê fôrça e coragem para conquistá-lo espiritualmente para Cristo.

«E que Deus tenha piedade desses transviados missionários, que ousam *desafiar-lhe a colera* divina destruindo a Sua Palavra, esquecidos do Apocalipse 22: 18-19, deslembrados de que *horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo!*»

Sôbre êsse crime cometido contra a Constituição Brasileira, que garante a liberdade religiosa, o deputado sr. Osny Silveira pronunciou vibrante discurso na Camara Estadual de São Paulo, discurso êsse que foi publicado no «Diário Oficial» de 5 de maio último.

## Crônica da 8.<sup>a</sup> Reunião da Semana Espírita Cristã de Nova Iguassú

Realizada no dia 28 de Março de 1948

Pela manhã dêsse dia, na ampla sala de jantar do casal Valdemiro Faria Pereira e Lourdes Almeida Pereira, agora enriquecido com duas mimosas flores destacadas do *bouquet* do Pai Celestial, feito círculo, cuja significação esotérica, todos conhecem, foi iniciada a reunião de têtê-a-têtê espiritual, para evitar a denominação de *reabastecimento*, que, na opinião

de distinto e culto confrade, cheira demais ás coisas da materialidade. Aberto o Evangelho pelo menino Sergio, deu-nos êle para as nossas meditações matutinas a Epístola aos Colossenses, Cap. IV-vv. 1 a 6, dizendo sôbre a justiça e a equidade dos servos do Senhor e perseverança em oração, velando nela em ação de graças, bem como o modo de conduzirmos em sabedoria com aqueles que estão fóra, remindo o tempo e que a nossa conversação seja sempre sazoadada em graça com sal, afim de sabermos como devemos responder a cada um. Antes, porém, o cronista fez a prece de abertura.

Iniciou os comentários, o irmão Orville Derby, da *delegação* de Juiz de Fóra, detendo-se por alguns instantes sôbre a propriedade do sal e a necessidade de perseverar em oração. Seguiram-se com a palavra e o evangelho na mão, os irmãos Odete Lucia, de Cruzeiro, Rubens Lacerda, de Macaé, Olimpio Moisés da Silva, de Barbacena, Sebastião Lasneau, Alcinda Dias, da *Mei*, de Nova Iguassú e Sonia Campos, ainda de Macaé versos Nova Iguassú. Em vez de reajustamento, contrariando a vontade de cada um, o irmão cronista, que dirigiu a reunião, no impedimento eventual do irmão Prof. Leopoldo, atarefadíssimo na redação do jornal falado, programas, etc. no «Lar de Jesus», aduziu ligeiríssimos comentários, colaborando. Considerou mais importantes os dedicados aos irmãos Orville Derby e Sonia Campos, o primeiro reafirmando a necessidade do perseverar na oração e ao da irmã Sonia, no sentido de evitar reafirmação constante da nossa pequenez, abaixo daquilo que de fato somos e valem, devendo, pois, evitar ainda em qualquer situação da nossa vida aludir ou persistir em tal complexo. Foi dada também a palavra a irmã D. Zezé, revelada uma perfeita oradora, no julgamento do cronista, para dizer algo sôbre o ponto da manhã, tendo esta irmã sido muito feliz nas considerações que inspiradamente fez. E com ela mesma a tarefa da prece, orou com emoção e sentimento ao Pai pela graça daqueles instantes felizes que a todos Êle havia proporcionado. Antes da prece da irmã Zezé, o cronista fez ligeiras considerações e tudo nessa reunião foi ligeiro, chegando mesmo maguar a digna dona da casa, que lamentou essa ocorrência, mas havia dois sérios compromissos a cumprir, após aquela reunião, as visitas à



Cadeia Pública e Hospital de Iguassú, assim como a ida à reunião preparatória do Congresso, no Rio, considerações, nós iam dizendo, sobre as idas e vindas dos confrades no decurso da Semana Espírita, achando perfeita relação com as pombas decantadas em versos, pelo imortal Raymundo Corrêa, e como êle não sabia declamar solicitou do confrade que ao seu lado se encontrava, neste caso o genial poeta Lasneau, que o fizesse em seu lugar. Foi declamado, com arte e geito, o soneto AS POMBAS, do autor referido. Lá pelas bandas da copa, ouvia-se um *zun-zun*, umas conversas, um bater de chicaras, um cheiro muito característico, um atarefamento da D. Lourdes, e outras, tudo levando a crêr haveria algo para matar a famigerada fome do Vicente S. Netto. As nossas previsões não falharam para gaudio de alguns, muito especialmente daqueles que optam sempre por três e quatro *bis*. O dono da casa tudo assistia com carinho e atenção, como um perfeito comandante de navio, dando ordens, atendendo a uns e outros com a fidalguia comuns dos espíritos já evoluídos, tendo no colo o louro Luciano, que estava meio indisposto. *Au desert*, o irmão José Nunes Ribeiro, declamou uma original e muito interessante poesia, ainda pombas... e foi um tal de soltar pombas que os pombais ficaram vãos e os estômagos cheios. E dentro dessa alegria tipicamente cristã foi encerrada a reunião com o Hino Mocidade Espírita Cristã, reunião esta que não agradou a todos indistintamente, porque foi breve, segundo ouvi ao sair à porta da casa. Daí, incorporados foram conduzidos à Cadeia Pública... isto é, foram convidados a visitar áqueles que, segundo a grandiosa lição daquela homilia do sábado, estavam *fóra remindo o tempo* nas grades da prisão. Para descrever essas duas visitas, passamos a palavra ao irmão Prof. Newton G. de Barros, pois, a crônica de hoje tem esta particularidade—é bi-partida, sendo lidas por um magro e um gordo; um magro que escreve bem e fala manso, e um gordo que fala grosso e escreve mal.

### Reunião da Noite no «Fé Esp. e Caridade»

A's vinte horas e vinte minutos, o irmão Prof. Leopoldo convida os moços a cantarem o hino da Alegria Cristã. Após ter dito ligeiras palavras sobre a reu-

nião, fez a prece de início e passou a palavra ao irmão Gamaliel Stumpf, para ler o seu trabalho, que era sobre o tema programado: «O Espiritismo no Brasil na época de Allan Kardec.»

A mesa da presidência havia sido constituída da seguinte maneira: Leopoldo, Derby, de Juiz de Fôra, o dono da noite, Ten. Felipe de Melo, Hernani de Carvalho e Antonio Ferraioulo, o primeiro, o cronista da noite, o outro encarregado de saudar pela C. E. L. J. a Delegação mineira, sendo que o último falaria pelo Grupo Espírita «Preito a Jesus». O Tenente Felipe de Melo, como dissemos era o cronista, e como tal procedeu a leitura da bela crônica, verdadeira cópia fotostática do dia anterior, pois, foi um relato fiel de tudo o que aconteceu.

Subiu á tribuna o irmão Hernani, leu a saudação e a encerrou lendo uma poesia. Ferraioulo, com os arroubos de oratória, já conhecidos de todos, abordou considerações sobre os fenômenos de Hydesville, e fez breve saudação a moços e velhos. Falou pouco, mas agradou á assistência.

Fala, a seguir, o irmão Orville Derby, da representação de Juiz de Fôra, composta dêle sózinho, porque os outros, os seus companheiros não puderam comparecer pelos motivos que aludiu. Depois disso, fez uma longa exposição em torno da passagem evangélica concernente ao dia — martiriológico de Jesus. Finda esta exposição, o irmão presidente leu vários avisos sobre o programa, convidando os presentes para a visita do seguinte dia aos irmãos de Nilópolis do Grupo Espírita «Caminheemos com Humildade» na cerimônia do lançamento da pedra fundamental da nova séde, havendo condução á disposição dos semanários, bem assim café, doces e biscoitos, fazendo o Vicente morder os lábios numa satisfação antecipada... Com uma prece encerrou esta parte, dizendo que ia ser encenada a peça — «Quatro ilusões e uma verdade», no desempenho dos moços do conjunto teatral da M. E. I. Em cortino, enquanto os *contra-regra* preparavam os cenários, Agostinho de Carvalho leu um enérgico trabalho, com ardor e entusiasmo, cheio de considerações de ordem histórica, em face do surto de progresso do Espiritismo na hora atual, agradando e sendo vibrantemente aplaudido.

Alcina Dias, da M. E. I., foi a cro-



nista da noite, ou seja a ledora do jornal, digo do venenoso jornal que, se por vezes, traz avisos agradáveis, outros lançam quadras, consideradas pelos doutos na arte de escrever a língua de Camões em versos, verdadeiros atentados às suas inflexíveis leis. E assim, prosseguiu êle até o fim, — ingenuas quadrinhas umas, quais veneno em pílulas, outras.

O hino do Espiritismo foi cantado por duas jovens da Mocidade Espírita Flora de Araujo, de Olinda. Orville faz humorismo sadio, dizendo que ninguém de agora em diante devia comprar roupas já feitas, mas sim faze-las em casa, usando porém, *a lan kardec*. Todos riram satisfeitos, tonificando a alma.

Com o hino da Alegria Cristã, em cena aberta, precedeu a integração dos néofitos, Edir, Ivano, Paiva e Terezinha. Paiva falou pelos companheiros, dizendo ligeiras palavras. Os *jovens integrados*, os padrinhos respectivos, entregaram a cada um deles um exemplar do Evangelho com dedicatória, em sentido amplexo, selando uma verdadeira e sincera aliança, com vistas ao futuro. Cena muito comovente que arrancou lágrimas aos mais sensíveis. Cantado foi mais uma vez o hino da Alegria, cujos acórdes finais o pano de boca abafou lentamente.

Precisamente, às 21,20 teve início a peça denominada—O Amor que não morre, de autoria da Srta. Professora Alba de Carvalho, em auspiciosa estréia, sendo por êsse motivo, ao findar a encenação da dita peça, brindada com a oferta, em nome da M. E. I. de uma obra, cujo autor o mentor Marques não declinou. Alba, a seguir disse sentidas palavras de agradecimento, chamando ao palco a irmã D. Zezé, a quem ela homenageada devia a metade do seu êxito, se isto houvesse. As duas se abraçaram cristãmente, pro-

vocando uma cena muito emocionante. Palmas vibrantes dos presentes, e a retirada dos intérpretes obrigaram o pano a voltar ao seu lugar. Como número de cortina, fez-se ouvir na canção *Meu Brasil*, e atendendo a insistentes pedidos, o moço Altamiro Borges de Freitas, cantou a sentimental canção «Mãe», acompanhando-se êle mesmo ao violão. Nessa ocasião, o mentor da M. E. I., J. A. Marques, em nome de seus pupilos, ofereceu ao moço, genial interprete de tão lindas e emotivas canções, o Evangelho, dizendo-lhes que, de agora por diante, esperava vê-lo entre os moços, como os outros que se reúnem, semanalmente, no Centro, e que pudesse fazer daquêle livro o código da vida, o seu faról e a sua bússola para os seus empreendimentos futuros. Cantou, logo após, agradecendo a gentil oferta, bem como atendendo aos insistentes pedidos dos presentes, o tango, ORACIÓN CARIBE e o fado canção O CEGUINHO, justo premio também aos irmãos lusitanos, em grande número na assistência. E para terminar a noite de alegria cristã, foi levada à cena, em original alegoria, a peça em um único quadro—BRASIL CORAÇÃO DO MUNDO, PATRIA DO EVANGELHO, de autoria do nosso muito querido vovô Vitorino Eloi dos Santos, de grande efeito musical-cinegráfico.

A prece final feita pelo irmão Leopoldo declarou encerrada a reunião e o hino ou melhor a Canção da Despedida, como uma lembrança saudosa aos irmãos de Cruzeiro e Três Rios, que deviam no dia seguir para as suas terras, reencarnando, terminou mais uma memorável noite da Semana Espírita de Nova Iguassú. Paz e Luz.

J. B. Chagas.

Nova Iguassú, 28 de Março de 1948.

## Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr. \$50,00	Do 4.º ano Cr.\$ 50,00	Do 5.º ano Cr.\$ 50,00
Do 6.º ano . . 50,00	Do 7.º ano . . 50,00	Do 8.º ano . . 50,00
Do 10.º ano . . 50,00	Do 11.º ano . . 60,00	Do 12.º ano . . 60,00
Do 13.º ano . . 60,00	Do 14.º ano . . 60,00	Do 15.º ano . . 70,00
Do 16.º ano . . 80,00	Do 17.º ano . . 60,00	Do 18.º ano . . 60,00
Do 19.º ano . . 60,00	Do 20.º ano . . 60,00	Do 21.º ano . . 60,00















# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

*Diretor: José da Costa Filho*

*Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração  
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

**NUMERO AVULSO CR. \$2,50**

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

**A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira**

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro







